

PAULO GUILHERME MARTINS

UM DIA NA VIDA DO BRASILINO



ALORLA

APRESENTAÇÃO

UM DIA NA VIDA DO BRASILEIRO teve sua primeira edição em outubro de 1961. O sucesso do texto ensejou edições posteriores. Em seis décadas observamos longa sucessão de acontecimentos. Impossível descrevê-los todos. PAULO GUILHERME MARTINS não está mais entre nós. O Brasil cresceu, se desenvolveu muito. Nossa população quase triplicou, evoluindo dos 74,31 milhões, em 1961, para mais de 211,80 milhões, registrados pelo IBGE, em 2020. Tivemos uma Constituição outorgada, autoritária e temos uma, democrática, elaborada por constituintes eleitos. Houve a deposição e o impeachment de presidentes. Sucessivos planos econômicos buscaram o controle da inflação. O Brasil industrializou-se e, graças à dimensão de seu território, aos solos férteis, disponibilidade de água e intensa insolação, tornou-se um gigante no AGRO-NEGÓCIO. Celeiro do mundo. Estima-se que as nossas exportações de produtos agrícolas e pecuários alimentam mais de um bilhão de pessoas, em dezenas de países.

O país é uma das 10 maiores economias do mundo. Colecionamos feitos notáveis no esporte, com vitórias, no futebol, tênis, natação, vôlei, basquete e outras modalidades.

Temos motivos para sustentar o orgulho nacional. Razões para júbilo.

Mas não podemos desconsiderar as contradições, os paradoxos, as terríveis dificuldades, ameaças e injustiças que marcam a sociedade brasileira. Percentual elevado de cidadãos ainda vive na pobreza, muitos na miséria extrema. Somos um país extremamente desigual. Uma distribuição de renda iníqua. Mazelas na saúde e na educação. Violência urbana. Persiste a chaga do analfabetismo. Bolsões de trabalho escravo e exploração do trabalho infantil.

O cenário descrito por PAULO GUILHERME MARTINS, também sofreu mutações. Algumas empresas citadas não existem mais ou deixaram o Brasil. Poucas, quase nenhuma, foram nacionalizadas. A PETROBRÁS,

com apenas 7 anos à época da publicação, muito cedo transformou-se na maior empresa brasileira, uma das dez maiores petroleiras do planeta. Até mesmo ela, símbolo da capacidade realizadora de nosso povo, está ameaçada por um processo de insano entreguismo.

Não obstante tudo o que foi dito, temos uma constatação indiscutível. O PROCESSO DE DESNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA APROFUNDOU-SE, DE FORMA AVASSALADORA. A ECONOMIA É QUASE INTEIRAMENTE DEPENDENTE DE EMPRESAS ESTRANGEIRAS. A TERRÍVEL CRISE SANITÁRIA, CAUSADA PELA COVID-19, REVELA, DRAMATICAMENTE, ESTA SUBMISSÃO. Temos que importar, respiradores, vacinas, equipamentos de proteção para nossos profissionais de Saúde. Até mesmo no oxigênio indispensável para salvar vidas dependemos de empresas estrangeiras.

Não obstante a concentração de renda e as elevadas taxas de juros, o mercado brasileiro absorve a produção de centenas de milhares de veículos. Aqui estão cerca de 20 fabricantes de automóveis. Alemães, americanos, japoneses, franceses, coreanos, italianos, nenhum brasileiro.

Os projetos FNM e GURGEL sucumbiram, por falta de apoio governamental.

PAULO GUILHERME MARTINS não era um xenófobo. Tinha um discurso nacionalista, como nós. Entendia ser possível a colaboração do capital estrangeiro. Desde que inserido em um PROJETO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, com transferência de tecnologia, controle nas remessas de “royalties” e lucros, reservados, com exclusividade, para a iniciativa nacional, os setores estratégicos da economia. Só assim podemos preservar a SOBERANIA, princípio fundamental inserido em nossa Constituição.

Ao reeditar UM DIA NA VIDA DO BRASILEIRO prestamos nossa homenagem a PAULO GUILHERME MARTINS.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2021.

Diretoria da AEPET
Associação dos Engenheiros da PETROBRÁS

UM DIA NA VIDA DO BRASILINO

Não existe imperialismo no Brasil.

Carlos Lacerda na Tribuna da Imprensa

Essa história de imperialismo não
passa de invenção de falsos nacionalistas
que pretendem impedir o progresso da nação.

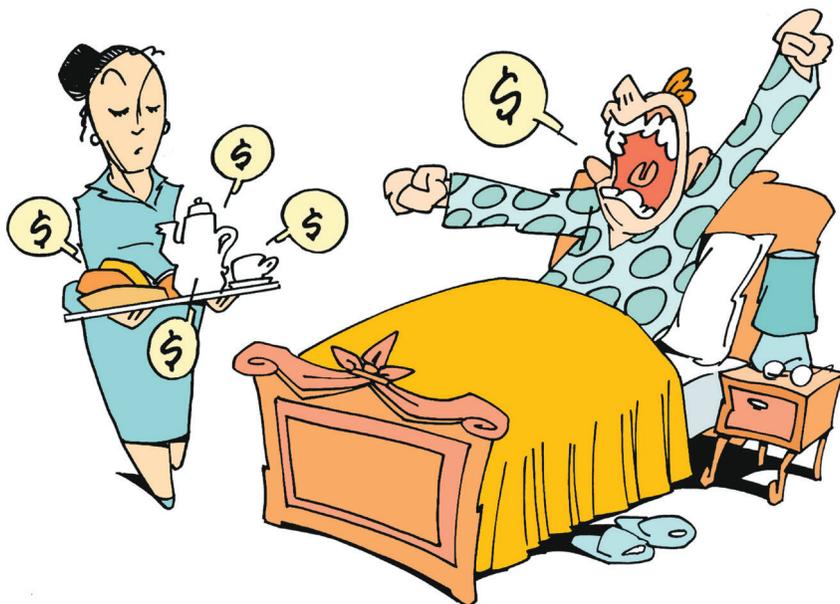
De O Estado de São Paulo

Não sei se você conhece o Brasilino!? Mas isso não importa...

Brasilino — é um homem qualquer, que mora num apartamento qualquer, numa cidade qualquer... Situemo-lo em Santos, por exemplo.

Brasilino, como todo o bom burguês, começa o dia acordando; sim, porque o operário, este, levanta-se ainda dormindo a fim de chegar a tempo ao serviço.

Brasilino acorda e aperta o botão da campainha à cabeceira da cama, campainha essa que soa na copa; porém soa, consumindo energia — energia que é da Light, e, assim, o Brasilino inicia o seu dia pagando dividendos ao Capital Estrangeiro. Mas Brasilino não pensa nisso e começa o seu dia, feliz!



Abre-se a porta. É Marta, a criada, que entra com o café da manhã: café, leite, pão, manteiga, um pouco de geléia e o jornal – “O Estado de São Paulo”. – Brasilino, como todo o bom burguês, lê somente a boa imprensa – a chamada sadia.

Enquanto lê as notícias, toma a sua primeira refeição. Brasilino não sabe que o leite, que bebe, é originário de uma vaca que foi alimentada com farelo Refinazil, da “Refinações de Milho do Brazil” (Brasil com Z), que é americana, e que a farinha com a qual foi feito o pão é originária do “Moinho Santista”, que não é santista e sim inglês. Assim, para tomar o seu café da manhã, Brasilino tem que pagar dividendos ao Capital Estrangeiro. Mas, Brasilino nem sabe disso... e toma o seu café, bem feliz!

Terminado o café, Brasilino acende o seu primeiro cigarro: Minister, ou Hollywood, um desses da “Cia. Souza Cruz”, que não é do Sr. Souza e muito menos do Sr. Cruz, mas, sim, da “British, American Tobacco Co.”, o trust anglo-americano do fumo. E assim, para fumar seu cigarrinho, Brasilino paga dividendos ao Capital Estrangeiro. Mas Brasilino nem pensa nisso e saboreia seu cigarrinho, feliz... feliz...

Em seguida, Brasilino vai ao quarto de banho, fazer a sua toilette: acende o aquecedor de gás — gás que é da City e, portanto, do grupo Light, e, enquanto a água aquece, toma da escova de dentes, marca “Tek”, da “Johnson & Johnson do Brasil” (que é americana), e da pasta dentifírcia “Kolykos”, com clorofila, da “Whitehall Laboratories of New York” e, assim, para escovar os dentes, Brasilino paga dividendos ao Capital Estrangeiro...

Mas Brasilino nem pensa nisso...

Brasilino não sabe bem o que é clorofila e está certo de que, quando entrou na farmácia e escolheu essa pasta, o fez livremente; ignora que sua vontade foi condicionada pelas custosas campanhas de promoção de vendas, feitas através da imprensa, do rádio e da televisão e que, da mesma forma como ele escolhe sua pasta de dentes, escolhe, também, o seu candidato à Presidência da República.

Em seguida, Brasilino vai fazer a barba: toma do pincel, feito com fios de Nylon, da “Rhodia” — que é francesa — enche-o com creme de barbear “Williams”, que é americano. Ensaboado o rosto, Brasilino toma seu aparelho “Gillette”, munido com lâminas “Gillette”, ambos da “Gillette Safety Razor do Brazil”, e, feliz, vai raspando a face, pois nem pensa que, para fazer sua barba, tem que pagar dividendos ao Capital Estrangeiro...



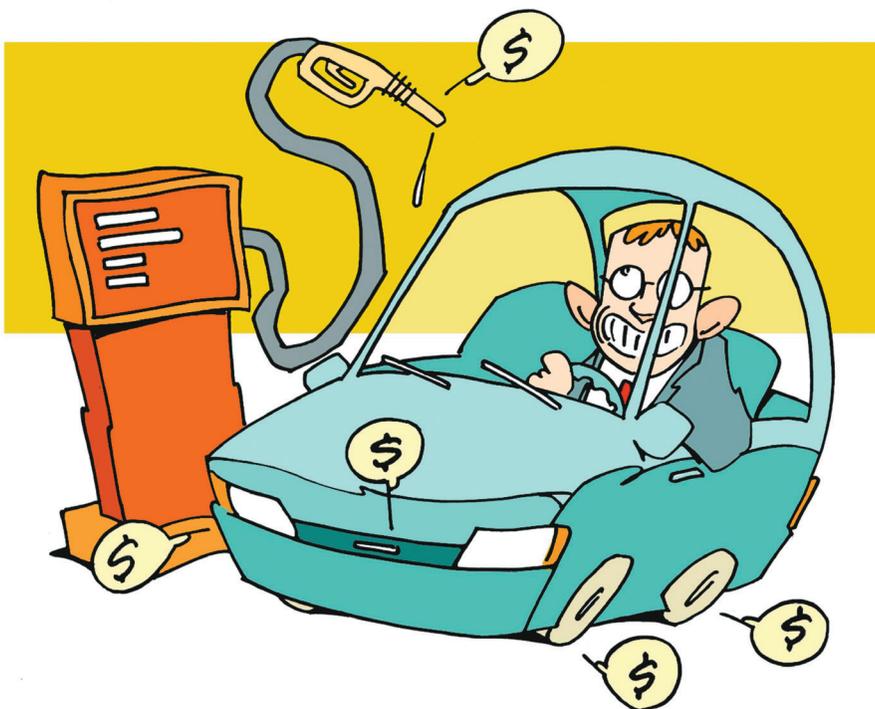
Terminada a barba, Brasilino entra no banheiro, envolvendo o corpo com a espuma acariciadora de um desses sabonetes, “Lever” ou “Palmolive”, um desses cuja espuma acaricia o corpo de 9, entre 10 estrelas de Hollywood. E assim, até para tomar seu banho, Brasilino tem que pagar dividendos ao Capital Estrangeiro.

Após o banho, Brasilino enxuga-se com uma toalha felpuda da “Fiação da Lapa”, que também não é da Lapa porque é Suíça e, a seguir, passa pelo corpo talco “Johnson”, da “Johnson & Johnson do Brasil”.

E... começa a vestir-se.

Acontece, então, uma tragédia! Cai um botão da camisa do Brasilino. Ele toca novamente a campainha, e Marta corre a socorrer o nosso herói, munindo-se de agulha e linha. Dentro de poucos instantes, ao ver Marta cortar a linha com os dentes, depois de preso o botão, Brasilino sente-se novamente feliz. Feliz porque ele não sabe que Marta, a criada, para pregar o botão, usou a linha marca “Corrente” da “Cia. Brasileira de Linhas para Coser”, que é inglesa e que, até para pregar um botão, Brasilino tem de pagar dividendos ao Capital Estrangeiro.

Já vestido, Brasilino despede-se de Marta, avisando que não virá almoçar nem jantar, pois irá a São Paulo, a negócios... — Sai, bate a porta, toma o elevador, que é “Schindler”, da “Schindler do Brasil”, que é suíça, e movido por força fornecida pela Light, chega ao pavimento térreo. Dá bom dia ao zelador e toma o seu automóvel “Volkswagen”, fabricado pela “Volkswagen do Brasil”, que é alemã, rodando sobre pneus “Firestone”, da “Firestone do Brasil”, que é americana, acionado por gasolina refinada pela “Petrobrás”, mas distribuída pela “Esso Standard do Brasil”, que é americana. Até para usar a gasolina, refinada pela Petrobrás, Brasilino paga dividendos ao Capital Estrangeiro! Ele não sabe que os brasileiros têm capacidade para refinar o petróleo e produzir a gasolina, mas não a têm para a “difícil” tarefa de distribuí-la e que, para esse serviço — a simples



distribuição — as companhias distribuidoras (Esso-Shell-Gulf-Texaco etc.) ganham muito mais que a Petrobrás. Mas Brasilino ignora tudo isso... e Brasilino é feliz!

Pouco depois, Brasilino encontra-se na Via Anchieta, dirigindo-se a São Paulo. Ao passar por Cubatão e ao ver a Refinaria Presidente Bernardes, põe-se a pensar: “Porcaria essa Petrobrás! Agora que a gasolina é nacional, custa cinco vezes mais.” — Sim, porque Brasilino não reflete que a gasolina custa, agora, muito mais, por um motivo muito simples: ao tempo em que a gasolina era importada, o dólar custava Cr\$ 18,72 e, atualmente, para a importação de óleo bruto, custa Cr\$ 200,00. — Não sabe, também, que o dólar está caro porque é escasso, e é escasso devido à procura, e a procura é muito grande, porque os dólares obtidos com a exportação brasileira mal dão para fazer face às remessas de royalties e dividendos do Capital Estrangeiro.



A irritação do nosso herói, contudo, logo desaparece, pois a algumas centenas de metros à frente, Brasilino vê surgirem os dutos da Light e uma grande tabuleta com os seguintes dizeres: Light and Power, a maior usina hidrelétrica da América do Sul – 1.200.000 KW – Aí, Brasilino exulta e monologa com entusiasmo – “Isto sim! A Light! A Light! A Light que fez a grandeza de São Paulo.” Sim, porque Brasilino

confunde Light com Energia. Ele não sabe que o que fez a grandeza de São Paulo não foi a Cia. Light e sim a Energia e que, se a Energia não pertencesse à Light, São Paulo seria dez vezes maior, ou o Brasil dez vezes menos miserável.

O interessante é que Brasilino nunca perguntou, a si mesmo, o que seria da Inglaterra se não existissem as Lights pelo mundo.



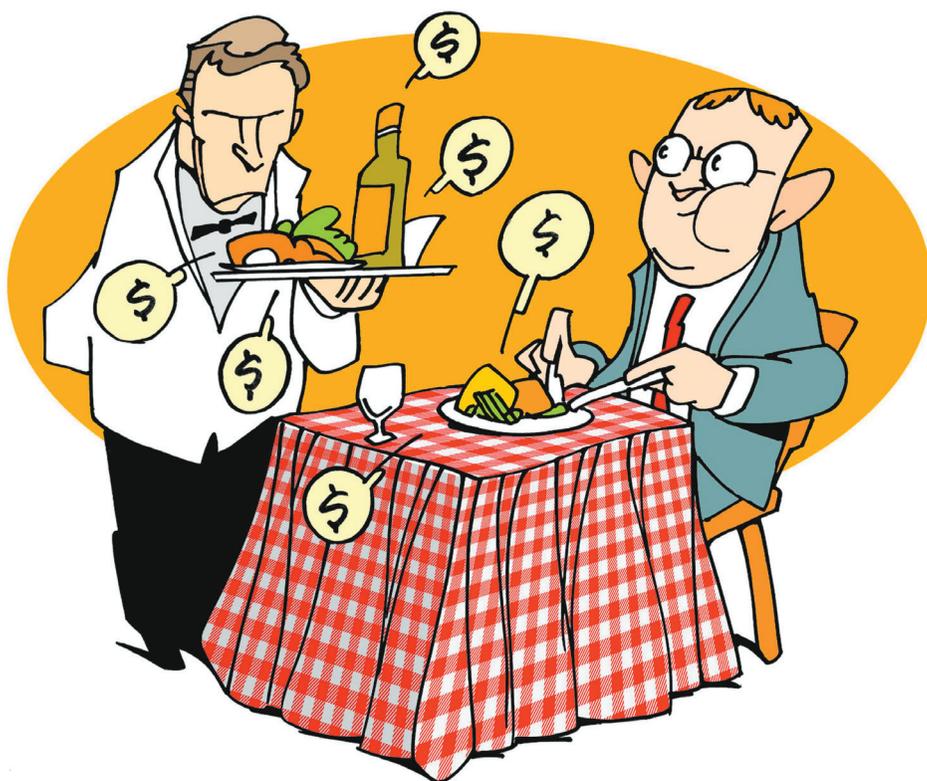
Brasilino prossegue a viagem e, logo mais, atinge o altiplano, onde vê descortinar-se o panorama grandioso do progresso industrial, que ele julga ser do Brasil: “Volkswagen do Brasil”; “Mercedes Benz do Brasil”; “Willys Overland do Brasil”; “General Motors do Brasil”; “Rolls Royce do Brasil”; “Cia. Brasileira de Peças de Automóveis”; “Simca do Brasil”; “Plásticos do Brasil” e inúmeras outras “do Brasil” e “brasileiras”, mas todas elas estrangeiras.

Brasilino, afinal, chega a São Paulo. Estaciona o seu carro em uma das ruas do centro e, a pé, alcança a Rua Libero Badaró, para concluir um negócio. Brasilino recorda-se de que Libero Badaró foi um homem que, ao ser assassinado, exclamou: “Morre um liberal, mas não morre a Liberdade!” E Brasilino conclui: “Que sujeito burro! Que interessa a Liberdade para um homem que já morreu!?”

Enquanto assim pensa, Brasilino chega aos escritórios da “Crescinco, Cia. de Investimentos”, pertencente ao Sr. Rockefeller. Brasilino sente-se orgulhoso de emprestar o seu dinheiro a um dos homens mais ricos do mundo, mas que, para financiar as suas indústrias, prefere usar

o dinheiro dos próprios brasileiros, atraindo-os com a vantagem de juros de 2% ao mês e livre de imposto de renda. Brasilino não sabe que, entre o dia em que ele entregou o dinheiro e o dia em que esse mesmo dinheiro lhe foi devolvido, a desvalorização da moeda foi de 4% ao mês e, assim, ele está menos rico, pois esse juro e mais os lucros da Cia. Investidora terão, forçosamente, de ser acrescentados ao custo das utilidades, saindo, conseqüentemente, da própria pele do Brasilino. Mas Brasilino não sabe disso e recebe o seu dinheiro e os juros, feliz!

Liquidado o negócio, Brasilino vai almoçar. — Entra num restaurante onde lhe é servido, como antepasto: frios da “Armour do Brasil”, que é americana, Margarina “ClayBon”, de “Anderson Clayton” que é americana, toma uma “Coca-Cola” e saboreia um prato de massa, pre-



parado com farinha do “Moinho Paulista”, que é inglês, e, depois, come um filé com fritas, cuja carne foi fornecida pelo “Frigorífico Wilson” e as batatas foram fritas com óleo “Mazola”, da “Refinações de Milho Brazil” (Brazil com Z). Como sobremesa, comeu um pudim feito com “Maizena Duryea” também da “Refinações de Milho Brazil” e, assim, até para comer, Brasilino tem que pagar dividendos ao Capital Estrangeiro. Após o almoço, Brasilino passeia pela cidade, a fim de fazer hora para o cinema, gastando a sola do sapato com saltos de borracha “Good Year”, pagando, até para andar, dividendos ao Capital Estrangeiro.

Brasilino entra no Cine Metro, onde passa a tarde, deliciando-se com um filme, que é americano e, para passar algumas horas distraídas, Brasilino paga dividendos ao Capital Estrangeiro. Ao sair do Cinema, Brasilino sente uma leve indisposição; entra numa farmácia e toma um “Alka-Seltzer”. E, assim, até para prevenir uma indigestão, Brasilino precisa pagar dividendos ao Capital Estrangeiro.

Toma novamente o seu carro e volta para Santos. Chegando à casa, faz novamente a sua toilette, liga o rádio de cabeceira, marca “G.E.” da “General Electric do Brasil”, e deita-se sobre um colchão de espuma de borracha “Foamex” da “Firestone do Brasil” e repousa a cabeça, sobre um travesseiro do mesmo material, dormindo, feliz, o sono da inocência.

Não sei porque, mas a história do Brasilino traz sempre, à mente, aquelas magníficas palavras do Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os pobres de espírito porque será deles o reino dos céus.”

Mas uma coisa jamais será do Brasilino: o reino em sua própria terra.

Por isso, leitor, se alguém lhe disser que não existe imperialismo econômico, no Brasil, é porque está enganado, ou porque está enganando você.

Santos, outono de 1961.

NOTAS DO AUTOR:

Edição comemorativa dos 41 anos do lançamento da 1ª edição deste livreto. Outono de 2002. Publicação em jornais, revistas, rádio, televisão, ou em fascículos para distribuição gratuita, autorizada pelo autor, desde que reproduzida na íntegra.

NOTAS DA REDAÇÃO DE AND:

O panfleto foi publicado três anos antes do golpe de 1º de abril de 1964. Portanto, o autor se refere apenas ao imperialismo econômico, porque o Brasil ainda não havia se deparado com a consolidação do imperialismo (sob a hegemonia do USA) na superestrutura da sociedade brasileira, o que somente conseguiu ao apoderar-se do sistema de Estado e de governo, associado às classes contra-revolucionárias internas, as quais funcionam como um suporte social. Cabe observar também que, ao longo desses 43 anos, alguns produtos foram retirados do mercado e corporações se extinguíram ou passaram para as mãos de outros grupos financeiros poderosos — o que não significa que o seu patrimônio tenha se transferido para o controle nacional, na condição de empresa mista ou mesmo de capital privado brasileiro.